

V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo
I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo
Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo
15, 16 e 17 de setembro de 2010 - Rio de Janeiro/RJ

Engajamento Comunicacional e Novas Práticas de Consumo Juvenil: Trajetórias de Sociabilidade Urbana e Virtual dos *Straight Edgers*

Denise Tangerino¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar as ações comunicacionais articuladas às práticas de consumo e trajetórias de sociabilidade constituídas pelos *Straight Edgers*, tanto na cidade de São Paulo, quanto pelas redes sociais. Para tal, utilizaremos como corpus de nosso estudo o consumo desse coletivo juvenil, procurando investigar as implicações imaginárias e as derivações simbólicas dessas apropriações. Ressaltamos que essas práticas de consumo de materialidades são base de constituição do movimento *Straight Edge*. Esses jovens têm como proposta ativista a crítica à mídia de massa e à 'sociedade do consumo' de base capitalista, e com essa postura bastante radical, vem construindo uma verdadeira rede de consumo "paralela", difundindo não apenas valores, mas produtos de consumo idiossincráticos. Na cidade de São Paulo, um dos principais *locus* do grupo, encontra-se alguns locais que são específicos de circulação de seus membros e que servem como espaço de sociabilização e de manutenção do ideal do grupo. Ressaltamos, dentro desse fluxo, locais como a Galeria do Rock, a sorveteria Soroko, a Rua Augusta e restaurantes veganos e, ainda, o próprio festival Verdurada, que é considerado o evento mais longevo da cena *underground* paulista. Sendo assim, procura-se compreender como são traçadas essas cartografias de consumo de materialidades e quais as implicações simbólicas das mesmas, na construção dessa sociabilidade do agrupamento *Straight Edge*.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas de Consumo; Juventude; *Straight Edge*.

1. Introdução

Com o objetivo de refletir sobre as práticas de consumo material articuladas às políticas de visibilidade e sociabilidade, esse artigo analisa as ações de um dos mais atuantes e duradouros movimentos juvenis da contemporaneidade, o chamado *Straight Edge*. Sua proposta ativista inclui tanto a crítica da mídia de massa e da "sociedade do consumo" de

¹ Mestranda e bolsista do Programa em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM-SP. Sob a orientação da Profa. Dra. Rose de Melo Rocha. E-mail: denisetangerino@gmail.com

base capitalista, quanto, ao mesmo tempo, vem construindo uma verdadeira rede de consumo “*paralela*”, difundindo não apenas valores, mas também produtos de consumo idiossincráticos. Assumindo uma postura anti-sistêmica constroem verdadeiras trajetórias próprias de consumo, tanto na cidade de São Paulo, quanto no mundo virtual.

Para essa análise, como propõe Martín-Barbero (2006), buscamos auscultar o que e como esses sujeitos juvenis estão comunicando a partir de suas práticas e trajetórias de consumo. Assim como Sunkel (2002:4), o que nos interessa não é problematizar a posse de determinados objetos em relação a outros, mas investigar como a comunicação está sendo constituída no intercâmbio entre os sujeitos sociais. E que são, de forma assimétrica, produzidos e produtores no bojo dessas relações de troca. Portanto, estão inseridos em um espaço de poder, disputas e lutas pela hegemonia. Dessa maneira, compreendemos a produção e o consumo de materialidades por parte dos *Straight Edgers*, que são pontuadas em ações ideológicas anti-sistêmicas, como legítimas práticas dotadas de politicidade.

Assim, não é nosso desejo analisar as ações ideológicas ou de engajamento político tradicional ou institucional. Antes, propomos um olhar para práticas demarcadas por um “*quê-fazer*” que provenha da vida cotidiana. Que também podem ser percebidas como estratégias de vinculação e de participação social, configurando-se como verdadeiras dimensões comunicacionais do social. Nas quais ‘*o corpo é elemento mediador e lugar de enunciação de uma nova politicidade, de um modo de ocupar e dar sentido ao espaço público e de construir uma cidadania cultural mais além da de direito*’. (Cerbino *apud* Rocha, 2009:2)

Como apontam Cerbino e Rodrigues (2005:113), tomando como base seus estudos da sociedade equatoriana, essas ações juvenis de politicidade agem de forma espontânea e se sustentam com condições mínimas de organização, pois, como tal, não visam a ‘*atender a qualquer exigência de posicionamento institucional dos partidos políticos tradicionais e movimentos sociais*’. Assim, nossa intenção é encontrar e balizar, nas materialidades consumidas pelo movimento, as posturas ideológicas, comunicacionais e estéticas que se configuram em práticas propositivas de mudança socioambiental. Essas ações juvenis se concretizam na vida diária e em torno das práticas compartilhadas entre os coletivos que constituem o movimento *Straight Edge*.

Pensamos os exercícios engendrados por esses atores sociais juvenis na mesma linha da autora Rose de Melo Rocha, como ações comunicacionais de fronteira ‘*(...) entre o virtual e o presencial; entre o público e o privado; entre o individual e o coletivo; entre o coletivo*

e o grupal; entre o político e o cultural; entre o engajamento cultural e a articulação social; entre o estético e o ético; entre o local e o global; (...)' (2009:984). De forma enfática, nossa proposta se dá e se reforça no princípio de que a relação entre consumo e comunicação é tão indissociável que aqui assumimos que, ao nos referirmos ao consumo, de maneira articulada, nos referimos à comunicação.

Assim, recorreremos a Michel de Certeau (1990), que nos permite uma análise mais ampla dessas práticas, que são construídas em um constante tensionamento com as propostas hegemônicas. Para o autor, o sistema de produção racionalizado é *'expansionista além de centralizador, barulhento e espetacular'* (Certeau, 1990:39). Porém, se em uma vertente desse regime temos a *'fabricação'*, em movimento sincrônico encontramos o que qualificamos como *'consumo'*, que se insinua de forma *'silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma nova ordem econômica dominante'* (Certeau, 1990:39). Essa proposição também é compartilhada por Martín-Barbero (2006) e Guillermo Sunkel (2002), quando analisam questões isoladas no contexto latino-americano, como as formas que os setores populares encontram para escamotear as demarcações hegemônicas. Assim, o que nos interessa investigar no corte adotado são os meandros das práticas de consumo realizadas pelos movimentos juvenis, que se configuram como ações que visam burlar o sistema vigente.

2. *Straight Edgers*: ideologias e práticas

Eu sou uma pessoa como você / Mas tenho coisas melhores para fazer / Do que ficar sentado e foder a minha cabeça / Andar com mortos vivos / Cafungar merda branca para dentro do nariz / Desmaiar nos shows / Nem mesmo penso em anfetaminas / É algo de que eu simplesmente não preciso / Eu tenho o *Straight Edge* / Eu sou uma pessoa como você / Mas tenho coisas melhores para fazer / Do que ficar sentado e fumar maconha / Porque sei que posso lidar (com a vida) / Rio de pensar em tomar tranqüilizantes / Rio de pensar em cheirar cola / Sempre estarei em contato / Nunca quero usar uma muleta. (*Straight Edge*, música de *Minor Threat* (1981), tradução do próprio site. <http://letras.terra.com.br/minor-threat/>. Acesso: 2/11/2009)

A letra da música *Straight Edge*, da banda *Minor Threat*, pode ser considerada paradigmática do estilo de vida e do radicalismo dos jovens que aderem ao movimento. Indo na contramão dos diversos rótulos, que, em muitos momentos, são atribuídos à atitude *'juvenil'*, como o descompromisso e o uso de drogas. E, também, quanto ao próprio estereótipo de violência e falta de crença *'no futuro'* que foi sendo associado aos *punks* durante a história do rock. Na cena *underground*, *Straight Edge* é a denominação

para um movimento, ou uma posição ideológica de um determinado grupo juvenil *punk*, que assume uma postura crítica ao sistema capitalista vigente e a defesa da preservação da vida. Um grupo que se coloca de forma bastante radical contra a alienação das pessoas que consomem determinados produtos sem levar em consideração todo o universo que envolve produção/circulação/consumo. Além disso, os sujeitos juvenis que aderem ao movimento adotam uma “vida limpa” (*clean-living*), abstendo-se de drogas (lícitas ou ilícitas).

Eles compreendem que o prazer e a felicidade estão associados a uma experiência que abrange todos os seres vivos. Pautados pela lógica do especissismo, na qual todos os animais são entendidos em uma relação horizontal, assumem um sistema alimentar rigoroso tornando-se veganos ou vegetarianos. Engajados em ações para a preservação das espécies e do meio ambiente, participam de boicotes a marcas que façam testes ou que utilizem derivados animais na composição de seus produtos. Os mais radicais entendem que o sexo deve ser praticado apenas em contexto onde há um *‘relacionamento mais estável’*, não concordando com atos sexuais mais *‘livres’*; os quais são considerados *‘promiscuidade’* ou falta de um *‘respeito pleno’* pelo parceiro (Haenfler, 2004:409).



Figura 1 Tatuagem de uma das integrantes do grupo com os seguintes dizeres: ‘La llana arde en mi’.
Fotografia tirada em Out/2009, durante o festival Verdurada. (Fotografia: Fernanda Budag)

Os *Straight Edgers* constroem seus discursos baseados no que acreditam ser a melhor ‘escolha’ para a manutenção da vida em sociedade e, com isso, constantemente se questionam sobre sua própria participação nas comunidades em que estão inseridos.

Na contramão dos ideais da ‘sociedade de consumo’, na qual o ‘excesso’ é uma condição muito valorizada, esses jovens afirmam consumir apenas o necessário para sua sobrevivência, muitas vezes abrindo mão de seu conforto.

No próprio discurso de vários membros do movimento *Straight Edge*, quando individualmente aderem e se engajam aos princípios do mesmo, acabam por se perceberem como válvulas propulsoras de mudanças, que se realizam em suas vivências pessoais e diárias. Assim, localizamos traços do consumo como espaço de atuação e mobilização do ‘eu’ na sociedade. Parece-nos bastante claro que há nesse consumo uma dimensão da manifestação da subjetividade pessoal, como uma *práxis* social legítima. Consumir é o campo de ação que esses jovens encontram para questionar o sistema capitalista vigente e os modos como os sujeitos sociais operam dentro dele. Assim, pensar no movimento *Straight Edge* como um espaço de participação coletiva é perceber que há uma dimensão do coletivo que só se realiza pelas práticas comunicativas de seus participantes. São expressões claras de suas lógicas cognitivas e poéticas de sentido.

Ainda, possuem como proposta ideológica agregar em suas atividades jovens de diversas classes sociais. E, apesar de seu estilo de vida rigoroso e conservador, são contra a discriminação de qualquer pessoa, independente de gênero e raça. Isso inclui aqueles que não têm a mesma postura diante da vida e ingerem drogas e produtos que provenham de animais. Por isso, de maneira antagônica, muitas vezes são intitulados como ‘socialistas’, ‘comunistas’ e ‘anarquistas’. Em outros momentos são confundidos com religiosos como ‘puritanos’, ‘adventistas’ ou ‘evangélicos’.



Figura 2 - Livros vendidos durante o Festival Verdurada, ago/2010. (Fotografia: Denise Tangerino)

Em geral, não aderem a nenhum movimento religioso e político partidário. Porém, alguns desses jovens se interessam pelas teorias anarquistas e produzem fanzines e manifestos políticos com citações de pensadores anarquistas ou socialistas. Esses jovens procuram formas alternativas de resistência ou contestação, pois compreendem que as formas de rebelião, principalmente as utilizadas pelos *punks*, acabam por reafirmar a cultura *mainstream*, que está completamente 'intoxicada' pelos pensamentos da hegemonia.



Figura 3 - Banca de produtos expostos no festival Verdurada (ago/2010). Todos os CDs e livros possuem selos alternativos e são comercializados nos eventos punks ou via internet. (Fotografia: Denise Tangerino)

Apesar de serem fundamentados em críticas contundentes aos meios de comunicação massivos, esses jovens utilizam a internet para comercializarem seus produtos, principalmente alimentos e roupas, consideradas dentro do circuito consciente de consumo. Apropriam-se das redes sociais e de blogs pessoais para divulgar os valores do movimento, encontrar informações, divulgar shows e postar comentários sobre filmes que achem pertinentes ao interesse coletivo. Com isso, criam rotas e trajetórias próprias de consumo, que perpassam a cena musical, mas também atingem formas de produção alternativas de alimentos, roupas, livros e afins. Seus eventos e festas são auto financiados e, muitas vezes, as bandas tocam sem nenhum custo, apenas para disseminação e manutenção dos ideais *Straight Edge*. Para um grupo com tantas restrições (em termos de consumo), interagir com a 'galera' e conhecer as novidades do movimento são fundamentais para dar continuidade aos seus valores. De alguma forma,

para muitos dos jovens participantes dessa cena, os sXe² acabam por constituir verdadeiras 'famílias', ou 'comunidades', nas quais encontram suporte e espaço para serem 'diferentes juntos'. (Haenfler, 2004:415)

3. Verdurada: encontros e sociabilidades



Figura 4 - Placa da entrada do Festival Verdurada, ago/2010.

O próprio nome 'Verdurada' seria um demarcador dos valores que estão impressos no evento, tanto para a participação dos jovens que compartilham do mesmo ideal, quanto para aqueles que não seguem os mesmos valores, porém se interessam pelo festival de música hardcore. Na própria fala do grupo, o evento 'é o *mais importante evento do calendário faça-você-mesmo brasileiro*'. Por sua longevidade, o festival já completa 14 anos, com a participação massiva de bandas nacionais e internacionais, bem como, de selos alternativos e produtoras independentes. É considerado o evento de maior importância na cena musical *hardcore-punk-straight-edge* nacional e também é conhecido como um local alternativo de troca de ideias entre jovens que têm uma consciência anti-sistêmica e que procuram novas formas e estilos de vida. Além disso, é um dos espaços mais importantes para a constituição de sociabilidades e da manutenção do movimento sXe.

² Abreviação de *Straight Edger*.

Marcado por um altíssimo som, com batidas pesadas, o evento é contagiado pelo *hardcore*³. Quando os músicos começam a tocar, na frente do palco, surge uma imensa 'galera', que embalada pelas '*rodas de pogo*', dançam e pulam, em um ritual bastante instigante e desafiante. Para quem não está acostumado, é uma dança relativamente estranha, na qual seus participantes, de maneira muito realista, simulam que estão se batendo, mas de maneira bastante amigável, não se machucam ou tem a intenção de prejudicar o próximo. A cada intervalo, seus participantes, já iniciados nesse ritual, voltam a conversar e interagir entre eles, como se nada tivesse acontecido, deixando claro que estão lá para 'curtir' aquela sintonia de valores, de maneira pacifista e comunitária. É interessante notar que, essa interação dos participantes, é parte de um sistema de identificação-diferenciação, como nos fala Rossana Reguillo,

'o vestuário, a música, o acesso a certos objetos emblemáticos, constituem uma das mais importantes mediações para a construção identitária dos jovens, que se apresentam não só como marcas visíveis de certas 'diferenciações' como, fundamentalmente, como o que os publicitários, em um amplo sentido chamam de 'um conceito'. Um modo de entender o mundo e um mundo para cada 'estilo' na tensão identificação-diferenciação. (2000: 27)

O festival, apesar de seguir uma dinâmica bastante parecida a de shows musicais de *punk*, tem como particularidade que, ao fim do som das bandas, são feitas palestras sobre assuntos políticos polêmicos (anarquismo, legalização do aborto, destruição do meio ambiente), oficinas de participação coletiva, debates e exposições de vídeos que, de uma forma geral, trazem questões voltadas à alimentação ou a contracultura (musical, literária e afins). Ao final, com a ajuda dos *hare krishnas*, são distribuídos alimentos preparados à base de legumes e verduras, acompanhados de sucos de soja. O evento gera, então, uma sociabilidade que agrega diversos outros 'coletivos', como os *hare krishnas*, *punks*, vegetarianos, veganos, participantes de ONGs voltadas à preservação da vida, e ainda, simpatizantes dos valores pregados nos shows. Assim, percebemos que o consumo agencia essa vinculação social de diversos grupos, fornecendo um conjunto de elementos que os agrega, mesmo possuindo alguns valores distintos. (Oliveira, 2008:237)

³ Som marcado por suas batidas pesadas e com letras bastante questionadoras e anti-sistêmicas. É uma dissidência do punk americano.



Figura 5 Palestra, sobre o 'sistema eleitoral', realizada no Festival Verdurada, ago/2010. (Fotografia: Denise Tangerino)

Como levanta Mantese (2005:38), *'um principio que parece nortear toda essa rede de trocas é que os 'produtos' devem ser produzidos e distribuídos a um 'preço justo' pelas próprias pessoas envolvidas, tentando escapar, 'correr por fora' do sistema vigente numa sociedade capitalista.'* Além do mais, devem ter procedência conhecida e feitas dentro do padrão de alimentação do grupo organizador e dos frequentadores do evento. Nessa mesma postura, são vendidos desde roupas feitas com materiais ecologicamente corretos até alimentos *veganos*, como hambúrgueres de soja, biscoitos, doces e sanduíches.



Figura 6 Morangos sem agrotóxicos vendidos no Festival Verdurada, ago/2010. (Fotografia: Denise Tangerino)

Baseados em um discurso anti-sistêmico, esses jovens acabam propondo outro sistema, que foge de alguns padrões do sistema capitalista vigente, como o lucro e a produção em série. Porém, mesmo tentando encontrar alternativas paralelas, criam ‘marcas’ e ‘meios de divulgação’ parecidos com os tradicionais. Nota-se que as embalagens dos produtos, como a de sabonetes, seguem a mesma linguagem visual das marcas encontradas nos grandes supermercados. Apesar de se constituírem no contraponto aos valores capitalistas, utilizam de uma estética e de meios similares de divulgação.



Figura 7 - Sabonete e pasta dental vegana.

As camisetas e os CDs que são vendidos no festival também podem ser encontrados no site de um selo alternativo, ‘*Cospe Fogo*⁴, que vende, entre outras coisas, CD’s de *hardcore*. Percebemos que esses jovens estão refletindo sobre o consumo, não como apropriação de objetos, mas como um lócus de produção de sentidos, pois esses ‘sistema paralelo’ não é baseado simplesmente no que é produzido, mas há uma consciência de que a democratização dos meios de produção/circulação/consumo, mesmo que em uma escala bastante reduzida, é uma das formas de reagir ao e repensar o que eles denominam de sistema capitalista.

4. *Straight Edgers*: espaço público e tecnicidades

A participação em um determinado coletivo implica uma lógica de significados constituídos e compartilhados por um determinado grupo. Vocabulários, marcas e gostos distintivos imprimem um sentido de pertencimento para que os participantes do coletivo,

⁴ www.cospefogo.com

ou ainda, seus simpatizantes construam suas próprias identidades individuais. De alguma forma, podemos pensar que existe um 'código' de participação e interação entre os que compartilham de mesma proposta. (Delgado, Ocampo, Robledo, 2008: 209)

Na sociedade contemporânea, mais enfaticamente na cultura juvenil, pensar o espaço público nos exige uma reflexão sobre outra dimensão, que abarca não somente os locais físicos demarcados pela cidade, mas, inclusive e principalmente, pensar nos espaços virtuais.

O espaço público é apropriado pelos sXe de maneira a facilitar a sociabilidade e a troca de informações que dão continuidade ao movimento. Porém, no universo virtual, a possibilidade de conectar os jovens de realidades e nacionalidades diferentes torna-se muito maior e constitui uma verdadeira rede social entre os *Straight Edgers*. Como propõe Martín-Barbero (2006:284), as facilidades que os jovens têm em utilizar as tecnologias, principalmente as audiovisuais acabam conformando verdadeiras '*cumplicidades expressivas*', representadas '*por seus relatos e imagens, suas sonoridades, fragmentações e velocidades que se encontram sem seus idiomas e ritmos*'.

Sendo assim, como aponta Oscar Aguilera Ruiz (2008), as vinculações com as novas tecnologias na busca e difusão de informações, com a participação da opinião de diversos atores sociais, faz com que a prática comunicacional se transforme em um novo modo de grupalidade. Quando pensamos nos coletivos juvenis, que têm uma proposta mais engajada, a comunicação virtual se torna central, pois viabiliza a mobilização dos jovens de forma muito mais rápida do que em outros meios de comunicação. Na reflexão sobre os *Straight Edgers*, no qual há uma crítica aos meios midiáticos, a internet torna-se praticamente o único meio de disseminar os valores e avisar das festas/eventos dos coletivos. Lembramos que nesse espaço virtual, rotas e trajetórias de consumo são traçadas. Mesmo práticas que sempre se realizaram na cidade, como o de ir a uma loja comprar determinado produto, são cada vez mais correntes no universo virtual.

Por sua vez, Manuel Castells (2003: 43 e 44) afirma que as comunidades virtuais trabalham com a possibilidade de uma comunicação livre e horizontal. Assim, em uma sociedade na qual as burocracias governamentais e os conglomerados midiáticos dominam, as comunidades virtuais se tornam um local de expressão. Ao pensarmos nos coletivos juvenis que são calcados em propostas contraculturais⁵, a internet se torna uma

⁵ Reconhecemos o termo contracultura da seguinte forma: '*determinados momentos históricos em que alguns setores juvenis expressam de maneira explícita uma vontade contestatória da cultura hegemônica,*

ferramenta de questionamento e mobilização para ações práticas em dimensões globais. Vale ressaltarmos que a cultura juvenil articulada à tecnologia torna-se uma poderosa rede de conscientização e mobilização de ações práticas e simbólicas na luta pela igualdade e participação coletiva.



Figura 8 Lambe-lambes do Festival Verdurada colocados pela Rua Augusta, ago/2009. (Fotografia: Denise Tangerino)

Já, pensando nas relações que se configuram na *urbe*, Carles Feixa (1999:96) defende a existência de uma memória coletiva juvenil que evoca determinados espaços físicos da cidade, que são redescobertos, esquecidos ou marginalizados pela utilização de determinados coletivos e agrupamentos. Assim, esses acabam questionando e discutindo os locais que se tornaram invisíveis pela cultura hegemônica, criando verdadeiros *'territórios próprios'* marcados pelos usos que esses jovens propõem. Nesse sentido, podemos pensar em locais como o centro da cidade de São Paulo e a Rua Augusta⁶, que se tornam rotas e *points* de encontros dos *Straight Edgers*. Por conseguinte, as

trabalhando subterraneamente na criação de instituições/coletivos/agrupamentos que pretendem ser alternativos' (Feixa, 1999:87).

⁶ Em seu caderno etnográfico, que compôs sua dissertação defendida no Programa de Ciências Sociais (USPSP), Mantese de Souza (2007:31; 2005), observa a relação dos *straight edgers* com a Rua Augusta da seguinte forma: *'A região muitas vezes é descrita como 'degradada', pouco iluminada, cheia de botecos, carrinhos de 'churrasco de gato', sendo bastante ocupado por saunas mistas e casa de massagem conhecidas por shows de strip tease, sexo explícito e pela prática de prostituição. Nessa extensão da rua, é grande o número de garotas de programa e de travestis nas calçadas. No entanto, essa porção da cidade é escolhida como local de moradia por muitos straight edgers que ressaltam como qualidades do local o fato de ser próximo tanto do centro quanto da Avenida Paulista, duas importantes centralidades paulistanas. Essa proximidade propicia que muitos deles façam seus trajetos a pé. Quando precisam vencer maiores distâncias, a região também oferece vantagens na medida em que é bem servida pelo transporte público. Além disso, a principal característica estigmatizante do local, ser uma mancha de prostituição popular (...).'*

trajetórias⁷ traçadas por esses jovens efetuam-se em verdadeiras manchas urbanas⁸ de consumo e sociabilidades (Magnani,2007:20).

Apontamos que esses locais não só são utilizados por esses sujeitos – por estarem em conformidade com sua posição ética e ideológica –, mas também por outros coletivos juvenis, especialmente os *undergrounds*, como os *punks*. Martín-Barbero (2008:209) relata que esses escoamentos juvenis urbanos prescrevem ‘*espaços praticados*’ de: a) novos modos de estar juntos; b) trajetórias e entrecruzamentos; c) palimpsestos e hipertextos; d) heterogeneidades, com o projeto de ‘*formar a cidade*’ com memórias e utopias universais; e) reinvenções, na qual, o projeto de ‘*fazer política*’ passa pelo movimento que leva a representação ao reconhecimento passando pela participação e a autogestão e f) intermedialidades, com o projeto de re-criar a cidade.



Figura 9 – Sorveteria Soroko, ago/2009. (Fotografia: Denise Tangerino)

⁷ Aqui, entende-se trajetória na mesma direção de Magnani (2007:20): ‘fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas. É a extensão e, principalmente, a diversidade do espaço urbano para além do bairro, que impõe a necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas’.

⁸ Este termo foi apropriado dos estudos da antropologia urbana. Para Magnani (2007:20) uma mancha urbana é ‘resultado da relação que diversos estabelecimentos e equipamentos guardam entre si, e que é o motivo da afluência de seus freqüentadores (...). A mancha é mais aberta, acolhe um número mais e mais diversificado de usuários, e oferece a eles não um acolhimento de pertencimento e sim, a partir da oferta de determinado bem ou serviço, uma possibilidade de encontro, acenando, em vez de certeza, com o imprevisto: não se sabe ao certo o que ou quem vai se encontrar na mancha, ainda que se tenha uma idéia do tipo de bem ou serviço que lá é oferecido e do padrão de gosto ou pauta de consumo dos freqüentadores’.

Os *Straight Edgers* utilizam a cidade como suporte para demarcar o seu território de ação, por meio de cartazes e *lambe-lambes* que são colocados em suas trajetórias pelo espaço urbano. Em São Paulo, como mostramos pelas fotografias, os cartazes dos shows são colados pelos postes e muros da Rua Augusta, local onde se encontram dois *points* importantes de atuação do movimento: a sorveteria Soroko e a *boite* Inferno.

5. Considerações finais

Slavoj Zizec (2006), filósofo esloveno, propõe que a ideologia encontrada em nossa sociedade contemporânea, de forma contrária aos demais momentos históricos da civilização ocidental que era calcada por crenças utópicas, está essencialmente baseada em uma prática. Ainda, Dunker, ao analisar as teorias de Zizec, complementa que nossas crenças são construídas em nossas práticas (*idem*:65). Essa afirmativa nos ajuda a pensar sobre a resistência ao sistema capitalista vigente por meio de ações concretas, que definem a própria participação do sujeito na sociedade. Os sXe, quando propõe uma nova politicidade, estão, por meio de suas práticas de consumo materiais, em conformidade com suas ideologias.

É importante para nossas reflexões pontuar sobre qual ideologia estamos falando. Na mesma direção, Dunker (2005:52), ao explicar as teorias de Zizec, propõe que, em nossa época, a ideologia deve ser deslocada do eixo do saber para o do fazer. Em contrapostos ao sistema vigente, os *Straight Edgers*, estão embasados em uma ideologia prática ao se colocarem como cidadãos, e mais contundentemente, como consumidores. Esses jovens invertem a lógica do ‘saber’ para o ‘fazer’ com ações concretas de mudança de paradigmas sociais. E ainda, as bases de construção e embasamento ideológico determinariam e dariam consistência a uma rede simbólica cuja ‘atividade ideal será confrontada e desestabilizada pela atividade real do objeto’ (*idem*:63).

Ainda, recorrendo novamente a Dunker (2005:48), a estratégia de resistência realizada pelo engajamento desses jovens, é de ‘*super-identificação*’. Esse conceito se refere à recusa de diversas ideologias que foram colocadas por outras gerações juvenis e que estava baseado em se colocar ‘*fora do sistema*’, criando uma separação ‘artificial e enganosa’, como se esta possibilidade fosse viável na sociedade contemporânea. Pelo contrário, para os *Straight Edgers*, seus fundamentos de ação são constituídos em ‘*tomar formas simbólicas dominantes pelo seu valor de face e a partir de sua repetição reflexiva*

produzir desestabilizações internas ao sistema' (Dunker,2005:48). Portanto, eles não se apóiam em reivindicações e ações coletivas, como greves e passeatas, mas são táticos ao agirem de maneira tal a boicotar ao próprio 'sistema de consumo'.

Michel de Certeau analisa que os sujeitos sociais desenvolvem táticas que são formas de resistência, ou como maneira mais contundente de burlar as estratégias que o poder demarca e legitima como práticas a serem incorporadas pela sociedade. (*idem*, 1980:88-91) Assim, retomando aos *Straight Edgers*, o que nos parece bastante interessante é perceber que suas táticas de resistência se dão pelo próprio consumo, que se convertem em marcas de suas trajetórias traçadas pela cidade e pelo ambiente virtual.

Em mesma direção, poderíamos propor que esses usuários não colocam suas expectativas sobre o que esperam como mudança – social, ambiental, cultural, política – nas instituições tradicionais políticas e nem mesmo nas do terceiro setor, como as ONGs. Zizek considera que essas ações que fogem, que estão fora dos pensamentos normativos impostos pela sociedade e estruturas tradicionais, são formas legítimas de participação social e se encontram em um 'universo pragmático pós-ideológico maduro de administração racional e consensos negociados' (*idem*:23).

Contudo, percebemos que as propostas do movimento, que também o constituem como unidade, só se concretizam na relação entre o sujeito e o coletivo, como eixos essenciais e imprescindíveis de mudança social. Com a participação em ações coletivas, os *Straight Edgers* acabam formulando os seus próprios conceitos de cidadania coletiva. Assim, há uma dupla vinculação, na qual as cidadanias, individuais e coletivas, tornam-se indissociáveis. Mais do que isso, pensando na cidadania cultural, esses jovens acabam fazendo valer o seu direito de serem diferentes.

BIBLIOGRAFIA

AGUILLERA, Oscar. *Movidas, mobilizaciones Y movimientos*. Tese de doutorado. Universidade Autônoma de Barcelona, 2008.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CERBINO, Mauro. *Jóvenes em la calle: Cultura e Conflicto*. Barcelona: Anthropos editorial, 2006.

CERBINO, Mauro. *La nación imaginada de los Latin Kings, mimetismo, colonialidad y transnacionalismo*. Tese de doutorado. Universitat Rivira e Virgili. Tarragona: Set/2009.

- CERBINO, Mauro; Rodriguez, Ana. *Movimentos e máquinas de guerras juvenis*. Revista Nômadas, nº23, Out/2005.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- DELGADO, Ricardo; OCAMPO, Angélica; ROBLEDO, Ângela. *Ação coletiva juvenil*. Um modelo de análise para sua abordagem. In. BORELLI, Silvia Helena. Dossiê Juventudes: práticas político culturais e alinhamentos metodológicos. Ponto-e-Vírgula, Edição 4, 2008.
- DUNKER, Christian. *Zizec: um pensador e suas sombras*. In: DUNKER, Christian; PRADO, Aindar. *Zizec crítico: Política e psicanálise na era do multiculturalismo*. São Paulo:Hacker,2005.
- FEIXA, Carles. DE JÓVENES, BANDAS Y TRIBUS: Antropología de la juventud. Barcelona: Ariel, 1999.
- GONÇALVES, Paula Vanessa Pires de Azevedo. *Ser punk: a narrativa de uma identidade jovem centrada no estilo e sua trajetória*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em Educação. São Paulo: USP, 2005.
- HAENFLER, R. *Rethinking subcultural resistance: Core Values of Straight Edger Moviment*. *Journal of Contemporary Ethnography*, Vol 33, nº4. USA: Sage Publications, 2004.
- MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. *Jovens na Metrópole: pedaços e trajetos*. São Paulo: Junguiana, 2009.
- MAGNANI, Jose Guilherme Cantor . *Os circuitos dos jovens urbanos*. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, São Paulo: 2005.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *As novas sensibilidades: entre urbanias e cidadanias*. Revista Matrizes, nº2, abril/2008.
- REGUILLO, Rossana. *Emergencia de Culturas Juveniles, estratégias Del desencanto*. Colombia: Editora Norma, 2000.
- ROCHA, Rose Melo. *Políticas de visibilidade, juventude e culturas do consumo: um caso (de imagem) nacional*. 8º Congressos Lusocom. Portugal, 2009.
- RONSINI, Veneza V. Mayora. *Mercadores de Sentido: consumo de mídia e identidades juvenis*. São Paulo: Sulina, 2007.
- SOUZA, Bruna Mantese. *Os Straight Edgers e suas relações com a alteridade na cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: USP, 2005.
- SOUZA, Bruna Mantese. *Straight Edgers e suas Relações na Cidade*, IN: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese (org.). *Jovens na Metrópole*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SUNKEL, Guillermo. Una mirada otra. La cultura desde el consumo. *En libro: Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder*. Daniel Mato (compilador). CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Caracas, Venezuela. 2002. Disponible en la World Wide Web: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cultura/sunkel.doc>

MUSICAS E BANDAS

MINOR THREAT. *Straight Edger*. USA: Dischord, 1981. Link: <http://letras.terra.com.br/minor-threat/>. (Tradução do próprio site). Acesso: 2/11/2009, às 14:00hs.